

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO: PEDAGOGIA**

ALCINEIDE PEREIRA DA COSTA

O LÚDICO NA MATEMÁTICA

CAMPINA GRANDE - PB
2010

ALCINEIDE PEREIRA DA COSTA

O LÚDICO NA MATEMÁTICA

Monografia apresentada a disciplina Estágio Supervisionado em Docência do Curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação do Centro de Formação de Professores na Universidade Federal de Campina Grande; como exigência parcial para conclusão do curso.

Prof.^ª: Ms. Débia Suênia da Silva Sousa

CAJAZEIRAS-PB
DEZEMBRO-2010



C8371 Costa, Alcineide Pereira da.
O lúdico na matemática / Alcineide Pereira da Costa. -
Cajazeiras, 2010.
44f. : il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2010.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Lúdico na matemática. 2. Aprendizagem de matemática.
3. Jogos e brincadeiras. 4. Matemática-ensino. 5.
Instruções através de jogos. I. Sousa, Débia Suênia da
Silva. II. Universidade Federal de Campina Grande. III.
Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 51:37.091.33

A minha mãe Ana, aos irmãos e irmãs que sempre cuidaram de mim, dando a educação e o apoio necessário para que eu chegasse até aqui. Também a Alberto, meu noivo, e sua mãe Elizabete, que sempre estiveram ao meu lado, apoiando-me de todas as formas em tudo que precisasse.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que é o meu porto seguro em todas as horas.

À minha mãe, que é o meu alicerce e a quem devo a pessoa que sou hoje.

As minhas irmãs e irmãos que são exemplos em minha vida.

A Alberto, que a todo momento sempre está disposto a me ajudar, e que muito contribuiu para que eu entrasse na Universidade.

A minha sogra, que é grande amiga e que também muito contribui na minha vida de estudante.

As minhas companheiras de turma que viraram amigas durante o curso e que sempre me ajudaram e me deram forças em todos os momentos em que precisei, dentro ou fora da Universidade. Que nossos caminhos sejam cruzados em lindas histórias de vidas e de profissões.

Aos mestres, que foram especiais nessa caminhada, abrindo-nos os olhos para a vida e nos ensinando ao mesmo tempo os valiosos conhecimentos para a profissão docente, assim como valiosos ensinamentos de vida, e que também se tornaram grandes amigos.

A professora Maria Virgínia, que teve tempo e fez a correção deste trabalho com muita paciência.

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo discutir sobre **O lúdico na matemática**, enfatizando seus aspectos benéficos sobre a aprendizagem. Sendo assim, será ressaltada a grande eficácia que o lúdico traz ao ensino e a aprendizagem da matemática, de forma a desmistificar a rotulagem sobre a mesma. Ela é vista como a disciplina mais difícil, como um monstro, na qual os alunos ficam reprovados com maior frequência. O lúdico na matemática é uma forma de ensinar, que chama mais atenção dos alunos sobre o que está sendo ensinado, evitando que as aulas sejam monótonas e desfavoráveis à aprendizagem, pois o lúdico trata o ensino de forma prazerosa e diversificada sendo um estímulo ao estudo. Para tal discussão, fez-se o uso de pesquisas no ambiente escolar onde se realizou o estágio, por meio de entrevistas e observações, tendo na culminância da pesquisa uma abordagem tanto qualitativa quanto quantitativa. O próprio estágio, também serviu de estudo para esse tema, já que o lúdico foi trabalhado na sala de aula, durante o mesmo, sendo registrado no Diário de Campo. Com esse estudo, foi concluído que a rotulagem sobre as dificuldades em matemática, antes tão em vigor nas escolas, hoje está fragilizada, e até mesmo está se invertendo os pontos, mudando o ensino diário e repetitivo da matemática sem nenhum atrativo. Atualmente, já se tem trabalhos que buscam a perspectiva lúdica para o ensino, pois está sendo visto a eficácia que essa maneira de ensinar favorece a aprendizagem e o interesse pelo estudo.

Palavras-chave: Lúdico na matemática. Mudança. Aprendizagem.

RESUMEN

Esta monografía tiene como objetivo discutir **la obra en las matemáticas**, haciendo hincapié en sus aspectos beneficiosos de aprendizaje. Por lo tanto, pondrá de relieve la gran eficacia que el juego trae a la enseñanza y el aprendizaje de las matemáticas con el fin de desmitificar el etiquetado sobre el mismo. Ella es vista como la disciplina más difícil, como un monstruo, en los que los estudiantes no son más a menudo. La novedad en las matemáticas es una manera de enseñar, lo que más llama la atención de los estudiantes acerca de lo que se enseña, evitando las clases son aburridas y perjudicial para el aprendizaje porque la enseñanza es la forma lúdica con un agradable y variado de aprendizaje permanente. Para esta discusión, fue el uso de la investigación en el ámbito escolar donde se celebró la etapa, a través de entrevistas y observaciones, con la culminación de un enfoque de investigación tanto cualitativa como cuantitativamente. El mismo escenario, también sirvió para estudiar esta cuestión, ya que la obra fue trabajado en el aula durante el mismo registrado en el diario de campo. Con este estudio, llegamos a la conclusión de que el etiquetado sobre las dificultades en matemáticas, en vigor antes del día de hoy las escuelas es frágil, e incluso revertir los puntos, el cambio de la enseñanza diaria de las matemáticas y repetitivo desagradable. En la actualidad, el trabajo ya ha estado buscando un acercamiento lúdico a la enseñanza, ya que se considera que la eficacia de esta forma de enseñanza fomenta el aprendizaje y el interés en el estudio.

Palabras clave: Jugando en matemáticas. Cambiar. El aprendizaje.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	7
1. PERCURSO METODOLÓGICO -----	10
1.1 Sujeitos e local da pesquisa-----	11
1.2 Instrumentos de coleta de dados -----	12
1.3 Fontes documentais -----	13
1.4 Tipo de pesquisa-----	13
1.5 Abordagem da pesquisa -----	14
1.6 Momentos pré estágio -----	14
2. O LÚDICO E O ENSINO: UMA PERSPECTIVA RENOVADORA -----	15
2.1 Lúdico: atividades que geram aprendizado-----	16
2.2 Algumas atividades lúdicas que contribuem para o ensino de matemática-----	17
2.3 Dificuldades para se trabalhar com atividades lúdicas no processo de ensino e aprendizagem-----	18
2.4 As vantagens do lúdico no ensino de matemática-----	19
2.5 Qualidades do educador lúdico no ensino de matemática-----	20
2.6 Matemática, essencial ao ser humano -----	22
3. PERCEPÇÃO DO CONTEXTO ESCOLAR -----	25
3.1 O tradicionalismo ainda dominante -----	26
3.2 O aluno e o lúdico -----	27
3.3 O aluno e a matemática -----	28

4 - O LÚDICO NA MATEMÁTICA E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO ---	29
4.1 Estágio e teoria -----	30
4.2 As atividades -----	32
4.3 Indisciplina-----	36
4.4 A professora titular-----	38
4.5 Avaliação-----	38
4.6 Concentração -----	40
CONCLUSÃO-----	41
REFERÊNCIAS -----	42
ANEXO -----	44

INTRODUÇÃO

A pesquisa sobre o “Lúdico na matemática: uma maneira prazerosa de aprender” foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental José Leite Rolim, localizada na cidade de Cajazeiras – PB, na qual se discute o ensino de matemática, as metodologias e técnicas utilizadas pelos professores e a receptividade adaptação dos alunos a essas metodologias.

Sendo assim, o trabalho tem o propósito de identificar vários tipos de brincadeiras e jogos que podem ser usados na disciplina de matemática ofertada no âmbito educacional dos anos iniciais, além de perceber o quanto essas atividades podem favorecer o desenvolvimento do aluno e a valorização da aula. Visto que a utilização da referida técnica na construção da aula está sendo cada vez mais explorada. Assim, essa pesquisa tem o propósito de analisar que contribuições que o ensino de matemática por meios lúdicos pode trazer ao aluno, ao ensino e a aprendizagem.

O ensino de matemática através do lúdico tem uma grande eficácia na valorização, melhoria e entusiasmo pela participação nas aulas e pelo interessante, por parte do educando, de aprender os conteúdos.

No entanto, a escola desenvolve o lúdico no ensino de matemática de forma diferente ao que se propõe o lúdico na educação, pelo fato de os educadores não terem qualificação adequada para trabalhar explorando melhor, explorando essas atividades por meio do lúdico.

O interesse para desenvolver esse trabalho ocorreu pela grande capacidade que o lúdico tem de entusiasmar os alunos, para uma participação mais ativa nas aulas, sem deixar de explorar os conteúdos, mas pelo contrário, proporcionando melhor aprendizado, motivo este que inspirou a escolha desse tema para a realização desta pesquisa. Além do interesse de conhecer as várias atividades que proporcionem a oferta de aulas diferenciadas, mas com qualidade.

Os objetivos que nortearam este trabalho foram: Conhecer como o lúdico pode ser trabalhado para o enriquecimento da aula; Identificar os benefícios que o lúdico pode trazer ao aluno e também ao professor; Compreender a intencionalidade de uma aula lúdica no ensino de matemática para melhor aplicá-las, tendo assim melhor benefício.

Nesse sentido, as possibilidades desta pesquisa, são viáveis, já que o estudo da mesma vem contribuir de forma significativa ao processo de ensino aprendizagem, pois trará motivação para o estudo e conseqüentemente muito aprendizado que contribuirá no meu processo de formação, visto que a elaboração da monografia requer pesquisas, leituras e autonomias, além de me enriquecer culturalmente no aprendizado sobre o lúdico na matemática nos anos iniciais. Podendo, futuramente, utilizar-me desses conhecimentos adquiridos efetivando-os no trabalho docente.

Desta forma, percebe-se que o lúdico é um grande aliado do professor, já que a sua utilização no ensino traz benefícios à educação, ao professor e, principalmente, ao aluno que tende a crescer cognitivamente, criativamente, motoramente e socialmente.

Em sua estrutura a monografia está dividida em capítulos, seguidos de conclusão, referências e anexo.

No primeiro capítulo, será descrito os caminhos percorridos para a realização da pesquisa referente. Assim serão descritos sobre o objeto da pesquisa, instrumentos de coleta de dados, abordagem da pesquisa, tipo de pesquisa e sujeito da pesquisa. Como também, será abordado sobre novas fontes documentais, momentos pré-estágio, planos de aulas, estágio e diário de aulas que são referentes aos momentos do estágio.

No segundo capítulo aborda-se, sobre o lúdico na matemática evidenciando os benefícios de uma aula lúdica no ensino de matemática, apoiando-se na maneira de como essa aula pode ser explorada para que o aluno seja beneficiado de forma cognitiva e não apenas na forma de diversão. Também, serão apresentadas algumas brincadeiras e jogos que podem ser usados para esse fim. Outro ponto a ser discutido nesse capítulo é a questão das dificuldades de se realizar o ensino por meio lúdico, destacando-se, a falta de percepção do professor para com o lúdico como meio de aprendizagem, a falta de espaço, falta de objetos, dupla ou tripla jornada dos professores e a falta de qualificação adequada dos professores.

Discute-se ainda, sobre as qualidades dos professores para o uso do lúdico na aprendizagem, devendo ser bem preparados, qualificados para o uso do mesmo, de forma a manter a ordem durante as atividades. Um último ponto a ser desenvolvido nesse capítulo é a questão da importância da matemática na vida do ser humano, o quanto esta é aplicada no cotidiano das pessoas, além de abordar a matemática nos dias atuais como essencial à vida do homem (no sentido de humanidade).

O terceiro capítulo será uma análise referente à pesquisa realizada na escola onde foi feito o estágio. Faz parte desse capítulo discussões sobre: o tradicionalismo ainda dominante; no qual se comenta sobre as aulas ainda como tradicionais apesar de ter levemente uma passagem do ensino lúdico. O aluno e o lúdico: sendo discutido sobre o que os alunos compreendem sobre o ensino através do lúdico, e o aluno e a matemática: sendo abordado sobre a relação ou a visão que os alunos têm sobre a disciplina matemática.

O quarto capítulo traz um relato sobre o estágio, as vivências nesse período, referenciando com o objeto de estudo monográfico. Assim, será tratado sobre: estágio e teoria onde se abordará sobre a importância do estágio realizado enfocando a contribuição deste para a percepção do educando estagiário sobre a profissão docente, Também abordará sobre as atividades realizadas no estágio e sua interface com o objeto de estudo da pesquisa. Destaca ainda a indisciplina como um agravante para a aprendizagem e para a realização das aulas. Além de revelar como sobre a questão da avaliação que foi realizada de modo apenas a verificar tanto a aprendizagem dos alunos quanto a verificar se as aulas estavam sendo benéficas à aprendizagem, explicando que esta não foi realizada de modo quantitativo a partir da aplicação provas para dar notas aos alunos. Dando continuidade, apresenta a professora titular ressaltando o apoio que esta deu à estagiária, tanto em aspectos comportamentais como em termo de didática de ensino. Por último, enfatiza sobre a questão da falta de concentração como algo que dificulta o processo ensino e aprendizagem.

CAPÍTULO I

1. PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo abordará sobre os caminhos realizados para a concretização da monografia. Faz parte deste capítulo as abordagens da realização da pesquisa, como elementos necessários ao trabalho monográfico, no qual apresenta-se: o local da pesquisa, o sujeito da pesquisa, os instrumentos de coletas de dados, tipo de pesquisa e a abordagem da pesquisa. Também se discute sobre os caminhos percorridos para a realização do estágio supervisionado, que é o momento de relacionar o objeto de estudo que é: O lúdico na matemática e o aporte teórico estudado durante o curso. Sendo feito uso de recursos como o diário de aulas e o plano de aulas, que segundo a nova História Cultural, são fontes documentais que servem de apoio ou de referência para estudo.

1.1 Sujeitos e local da pesquisa

A pesquisa foi realizada na escola Municipal de Ensino Fundamental José Leite Rolim, localizada na cidade de Cajazeiras, e teve como sujeitos da pesquisa os alunos do 4º ano, de cuja turma fizeram parte da amostragem 4 alunos de um universo de 36.

1.2 Instrumentos de coleta de dados

Utilizou-se como instrumento de coleta de dados uma entrevista semi-orientada. Pois, [...] “essa uma entrevista mais aberta que a estruturada, o que possibilita maior flexibilidade nas respostas e a obtenção de falas que podem enriquecer ainda mais a temática abordada.” (MATOS, 2002.p. 63). Também foi gravada para posterior transcrição, a fim de não se distorcer as respostas dos alunos entrevistados.

A observação foi outro instrumento de coleta de dados, na tentativa de se ter um melhor colhimento dos dados. Tendo em vista que a observação permite que se obtenha também um outro instrumento de coleta de dados. Como bem referenda Gil, (1987) citado por Matos, que, “a observação é uma técnica muito utilizada, principalmente porque pode ser associada a outros procedimentos, por exemplo, a entrevista [...]” (2002, p.58). Desta forma, torna-se possível, através dessa união ter um melhor e mais seguro resultado, tornando reduzida a margem de erros no momento da análise.

A observação foi realizada no mês de setembro do ano 2009 que correspondeu ao 5º período do curso e teve como objetivo conhecer como é realizada a dinâmica de aprendizagem sobre os conteúdos de matemática.

1.3 Fontes documentais

Como fontes de dados da pesquisa também utilizou-se o Diário de Campo e Portfólio – este constituído pelos planos de aula e as atividades vivenciadas durante o estágio.

Portanto, para este trabalho o Diário de Campo e Portfólio também fontes de pesquisas já que a nova História Cultural defende o reconhecimento da cultura que cada pessoa constrói como ato histórico, podendo assim nos valer destes recursos como fonte de pesquisa. A História Cultural se faz bastante importante para a historiografia, visto que esta permite que acontecimentos que antes ficavam desconhecidos, por ser por outros historiadores considerados sem valia, que não as consideram por não ser fontes advindas de oficialidade, agora são eficazes no estudo da história. Como fala Hunor, sobre a contribuição que a história cultural tem nos estudos historiográficos,

[...] a história cultural traz uma contribuição imprescindível para a historiografia mundial, ao trazer para a discussão histórica a cultura, que traz na definição de seu termo, temas e características que passavam despercebidos ou até mesmo desprezados pela história oficial. (p.156).

Assim, a nova história cultural pode-se valer de recursos como um portfólio ou um diário, que a partir de suas escritas passa a ser um documento capaz de denunciar acontecimentos vividos e por isso ser contribuinte da história, mostrando culturas e características que antes passariam despercebidas se a nova história cultural não desse ênfase a esses documentos.

1.3 Tipo de pesquisa

A pesquisa apresenta-se como um estudo de caso, por ser uma maneira simples e prática, devido à a pesquisa ser realizada apenas com uma pequena parte da população que se pretende conhecer. Como é falado por Matos quando se refere a este tipo de pesquisa e em suas palavras, diz que o estudo de caso é,

[...] uma forma de investigação bastante utilizada nos cursos de pós-graduação, sobretudo pela facilidade operacional. A alternativa de utilizar uma amostra reduzida faz com que essa modalidade de pesquisa se apresente como uma das mais populares entre os investigadores. (MATOS, 2002, p. 46).

Assim, pelo fato de o estudo de caso facilitar a pesquisa, devido a sua maior característica, que é a de estudar apenas uma amostragem que representará o todo, esta foi a tônica que determinou a escolha do estudo de caso para a realização desta pesquisa.

1.3 Abordagem da pesquisa

A abordagem da pesquisa foi feita levando em consideração tanto os dados quantitativos que abordam termos numéricos, quanto qualitativos que têm uma abordagem voltada mais para o que se está por trás dos fatos. Nesse sentido, segundo a Minayo apud Matos, “[...], devemos considerar científico não apenas os aspectos quantitativos em uma pesquisa, mas também as variáveis qualitativas, pois se complementam e possibilitam múltiplas interpretações.” (2002, p. 36).

1.5 Momentos pré-estágio

Antes do estágio, houve a realização de uma aula teste, com o objetivo de se perceber as necessidades da turma e se conhecer melhor o ambiente, como também para se avaliar os pontos positivos e negativos para preparar as aulas do estágio.

Antes do estágio, foram preparados planos de aulas que abordavam assuntos sugeridos pela professora titular da sala. Os planos de aulas também foram orientados pela professora da disciplina Estágio Supervisionados em Docência.

O estágio ocorreu do dia 23 de agosto a 20 setembro de 2010. Sendo realizado durante no turno da tarde em uma turma do 3º ano que continha 25 alunos.

Durante o estágio, era registrado, também após as aulas, o diário do dia, onde eram escritos os acontecimentos da aula, culminando em um diário de campo que serviu como fonte para a construção da monografia.

CAPÍTULO II

2. O LÚDICO E O ENSINO: UMA PERSPECTIVA RENOVADORA

Este capítulo abordará algumas dimensões que são relacionadas a uma prática docente no ensino de matemática, que tenha o lúdico como instrumento no auxílio do ensino - aprendizagem. Sendo assim, as dimensões abordadas serão: lúdico: atividade que gera aprendizado; algumas atividades lúdicas que contribuem para o ensino de matemática; dificuldades para se trabalhar com atividades lúdicas no processo de ensino – aprendizagem; as vantagens do lúdico no ensino de matemática; qualidades do educador lúdico no ensino de matemática e matemática, essencial ao ser humano.

2.1 Lúdico: atividades que geram aprendizado

É conhecido por todos que criança adora brincar, isso faz parte de sua natureza. Essa paixão que as crianças têm por jogos e brincadeiras ocorre porque essas atividades lúdicas proporcionam a elas prazer, uma vez que “o jogo é para a criança como é o trabalho para o adulto.” (MAKARENKO, p.47 apud, ALMEIDA. p. 32) É nesse momento, sem que elas percebam, que ocorre grande parte de seu aprendizado. Os jogos, brincadeiras, todas as atividades lúdicas são de grande importância para a criança. Pois, com essas atividades é que as crianças amadurecem. Isso pode ser visto nas palavras de Almeida, quando diz,

A educação lúdica está distante da concepção ingênua de passatempo, brincadeira vulgar, diversão superficial. Ela é uma ação inerente na criança, no adolescente, no jovem e no adulto e aparece sempre como uma forma transacional em direção a algum conhecimento, que se redefine na elaboração constante do pensamento individual em permutações com o pensamento coletivo. (1998. p.13).

Então porque não usar esse método a favor da educação para que se consiga um maior rendimento de aprendizagem das crianças proporcionando-as um futuro seguro em que elas tenham consciência de seus direitos e deveres. Como fala Almeida,

O ser humano nasceu para aprender, para descobrir e apropriar de todos os conhecimentos, desde os mais simples (levar a colher a boca) até os mais complexos (criar e solucionar problemas), e é isso que lhe garante a sobrevivência e a integração na sociedade como ser participativo, crítico e criativo. (1998, p.11).

Nessa perspectiva, o trabalho realizado com o lúdico no ensino de matemática deve sempre seguir orientações que leve esse método de encontro aos conhecimentos,

ao crescimento pessoal e social do aluno. Portanto, explorando esse método a sua capacidade de aguçar no aluno as características já existentes neles que são: a criatividade, motricidade, argumentação, percepção, raciocínio, curiosidade, e varias outras características que favorecem ao aluno o crescimento intelectual levando-o a uma superação cognitiva.

Na execução desse método é preciso que seja realizado envolvendo a realidade da criança que é a de brincar, sorrir, conversar, indagar, se divertir tornando a busca pelos conhecimentos prazerosa. Isso é o que levará a criança a se interessar pela aprendizagem, sem necessariamente, ela ter que sofrer e deixar seus instintos de criança para adquirir conhecimentos. Como fala Almeida, “ninguém se atirá a uma atividade eminentemente séria, penosa, transformadora (visão de uma realidade futura feliz), se não tiver, no presente, a alegria real, ou seja, o mínimo de prazer, satisfação e predisposição para isso.” (1998, p.31).

A função do lúdico na educação, é ensinar as crianças sem tirar delas o prazer de viver, é de se esperar que elas se interessem por buscar os conhecimentos, ao mesmo tempo em que se educa para um conhecimento sistematizado, se educa também para a vida de forma agradável em que as crianças aprovam.

2.2 Algumas atividades lúdicas que contribuem para o ensino de matemática

Há inúmeras atividades lúdicas que podem contribuir para o desenvolvimento da aula, com a intencionalidade de promover a partir dessas atividades o conhecimento sistematizado exigido e reconhecido pela sociedade, além de formar junto com a aquisição desses conhecimentos, cidadãos críticos, criativos e ativos na sociedade.

Para citar algumas dessas atividades lúdicas pode-se voltar ao passado para perceber que, já há muito tempo, utilizavam dessas atividades com o propósito para a educação. Desde os povos mais antigos como os primitivos a dança, a caça, a pesca, as lutas eram atividades necessárias a sobrevivências desses povos. Eram passadas de

geração a geração. Desde cedo, as crianças já participavam com os adultos dessas atividades como treinamento para sua sobrevivência. Sob essa perspectiva, Almeida diz,

[...] O corpo e o meio, a infância e a cultura adulta faziam parte de um só mundo. Esse mundo podia ser pequeno, mas era eminentemente coerente, uma vez que os jogos caracterizavam a própria cultura, a cultura era educação, e a educação representava a sobrevivência. (1998.p.19).

Era, nesse tempo não só importante, mas também essencial o uso dessas atividades que foram ao passar do tempo se modificando, acompanhando as tendências de cada época.

Muitas dessas atividades podem ser trabalhadas na escola como meio promissor do conhecimento. Como exemplo a dança, visto a cima que era um meio de educar. Outras atividades podem ser listadas, como a bola de gude, o bingo, a dama, o esconde-esconde, o pega-pega, o atletismo, o dominó, xadrez, pula cordas, quebra cabeça, pega varetas, teatro, música e, atualmente, pode-se usar jogos computadorizados já inserindo as crianças nas novas tecnologias. Todas essas brincadeiras contribuem para uma aula mais eficaz, tornando tanto a aprendizagem como o ensino agradável, com gosto de quero mais.

2.3 Dificuldades para se trabalhar com atividades lúdicas no processo de ensino e aprendizagem

As atividades lúdicas no ensino de matemática são ainda vistas por muitos, inclusive, por educadores, apenas como um momento de lazer de passatempo. Não relacionando esse momento, como também, de aprendizagem. Isso acontece, devido a educação ser vista como um instrumento apenas de aprendizagem sistematizadas, no qual muitos são defensores da educação tradicional que condiciona o aluno “à concepção política ingênua, à passividade, ao espontaneísmo, à jocosidade, à alienação,

à submissão, condicionantes da pedagogia dominadora e neutralizante.” (ALMEIDA, 1998, p. 31).

O processo de ensino por meios lúdicos gera um trabalho redobrado para essa realização, ocupando muito tempo dos professores no planejamento das atividades.

Outro fator é causado pela dupla ou tripla jornada de trabalho que a grande maioria dos professores têm, devido a necessidade de subsistência. No qual, os salários pagos aos mesmos, não serem satisfatórios a necessidade do custo de vida. Como também a falta de professores qualificados ao correto uso dessas atividades, ou até mesmo sem formação superior e a existência de professores que atuam na educação infantil com habilitação em outra área. Assim, como a falta de objetos e de espaço que proporcionem a realização de muitas dessas atividades. Todos esses fatores favorecem o mau uso de atividades lúdicas como crescimento intelectual, pessoal e social. Como também, contribui para o grande caso de alunos que se desviam da escola por não se encontrarem nela.

2.4 As vantagens do lúdico no ensino de matemática

Quando se ensina matemática através de atividades lúdicas, o interesse das crianças pela aprendizagem cresce. Há uma maior concentração nas aulas e uma preocupação maior em entender a solução de problemas propostos pela professora. Pois, a educação através do lúdico não se resume apenas ao decorar regras que levem a uma conclusão da questão, como se realiza na educação tradicional.

A educação através do lúdico preocupa-se em propor atividades que sejam compatíveis com o nível de desenvolvimento cognitivo das crianças, preocupando-se em gerar com o problema proposto, o desequilíbrio, para que as crianças sintam-se desafiadas ao mesmo tempo em que instigadas a resolver o problema.

Essa vontade de querer descobrir qual a solução do problema faz com que a criança busque novos conhecimentos, indagando sobre possíveis respostas.

Quando essa atividade é feita em grupo, o crescimento que ela proporciona é ainda mais abrangente. Pois, as crianças passam a ter uma relação a qual precisam administrar. Surgem aí, vários focos de desenvolvimento, como por exemplo: o respeito, a tolerância, o companheirismo, o ouvir, o falar, o agir, esperar, o criticar, ser crítica, argumentar, etc.. É toda uma relação social que está por traz dessa atividade. Sabendo o professor mediar corretamente esse momento, essa atividade só tem a favorecer grandiosamente aos alunos.

Ensinar matemática não significa limitar-se aos números, vendo-os como únicos possibilitadores da aprendizagem cognitiva dos mesmos. Mas deve-se perceber que em todos os lugares e ações existe a possibilidade de construção do conhecimento, visto que a matemática está inserida em todos os ambientes. “[...]. O meio ambiente pode proporcionar muitas coisas, que, indiretamente, facilitam o desenvolvimento do conhecimento lógico-matemático. [...]” (KAMII, 1995, p. 42).

A perspectiva do lúdico no ensino de matemática é, então, fazer com que haja aprendizado em meio a vários elementos tanto físicos como mentais, gerando assim, crescimento pessoal, cognitivo e social no aluno permitindo que ele se desenvolva por seus próprios méritos na busca do conhecimento.

Essas atividades que induzem as crianças a serem autônomos em suas caminhadas, em suas ações, terão reflexos em sua vida adulta. Sendo adultos que refletem sobre o meio, discutem, e agem não permitindo ser engolido pela sociedade.

2.5 Qualidades do educador lúdico no ensino de matemática

O lúdico atualmente está sendo percebido como um facilitador da aquisição dos conhecimentos matemáticos. Mas, não basta ter o lúdico para que as crianças entendam os conteúdos. É preciso, ter também um bom mediador entre as crianças, os conteúdos e as atividades lúdicas “[...] criando situações para que a criança exercite a capacidade de pensar e buscar soluções para os problemas apresentados. [...]” (ARANÃO, 1999.p.12)

É preciso que o educador esteja qualificado a trabalhar com esse propósito que o lúdico trás intrínseco. O professor precisa ter o conhecimento prévio das atividades. Precisa ser justo, está sempre atento, ser astuto, ser um bom observador, um bom articulador. Para fazer realmente que o lúdico tenha sentido na aula.

Precisa também manter a disciplina, a organização de várias crianças ao mesmo tempo, coisa que não é fácil visto que as crianças ficam entusiasmadas, curiosas, agitadas. Pois, se trata para elas apenas de uma brincadeira uma diversão. Por isso, o professor precisa ter muita habilidade, preparação, conhecimento, para saber explorar o lúdico como contribuinte ao conhecimento.

O bom educador de matemática deve ser aquele que não prioriza a decoreba de regras, ou ao ensino da pura matemática realizada de forma monótona, chata e séria. “Os professores ensinam as crianças a contar, ler e escrever numerais, acreditando que assim estão ensinando conceitos numéricos.” (KAMMI, 1990 p.40). No entanto, não é isso que acontece. Dessa maneira a criança terá mais dificuldades de representação dos signos, pois, ele apenas decorou os símbolos, mas não entendeu o que cada um dos signos representa. Não que ler os numerais, escrever e contar não seja bom para as crianças, mas é menos significativo para o seu aprendizado como diz Kammi,

É bom para a criança aprender a contar, ler e escrever numerais, mas é muito mais importante que ela construa a estrutura mental de número. Se a criança teve construído esta estrutura terá maior facilidade em assimilar os signos a ela. Se não a construir, toda a contagem leitura e escrita de numerais será feita apenas de memória (decorando). (1990, p.40).

Assim, ensinando conceitos numéricos, o educador tende não só a proporcionar aos alunos conhecimentos matemáticos mais significativos, mas também faz com que o aluno seja crítico, autônomo e reflexivo. É preciso que o educador esteja lado a lado com os alunos dando-lhes o apoio necessário estando comprometidos com o desenvolvimento cognitivo dos mesmos.

Quando o educador tem uma visão construtivista no ensino da matemática ele deve obviamente avaliar as crianças nessa perspectiva. Assim, a avaliação deve ocorrer

de forma contínua. Através da observação, da análise e da continuidade ao que aluno conseguiu desenvolver. Nesse sentido,

[...]. O processo avaliativo se desenvolve concomitantemente ao desenvolvimento das aprendizagens dos alunos. Anotações sobre seu desenvolvimento bimestral, por exemplo, são pequenas ‘paradas’ de um trem em movimento, ou seja, momentos de o professor dar notícias sobre o caminho percorrido pelo aluno até aquele momento. Da mesma forma, o significado daqueles registros é servirem de pontos de referências para a continuidade das ações educativas, do próprio professor ou de professores que lhes sucederem, quando são feitos ao final de anos letivos. (HOFFMANN, 2007, p.15).

Com essas qualidades, se forma um bom educador, capaz de mediar o desenvolvimento dos alunos utilizando corretamente o meio lúdico como favorecedor ao desempenho dos mesmos.

2.6 Matemática, essencial ao ser humano

A matemática é uma ciência essencial a vida humana. Não podemos falar em matemática sem destacar a grandiosidade que é essa disciplina. Tanto falando no aspecto de sua importância quanto no de sua amplitude, de sua abrangência por está envolvida em todos os aspectos e ambientes da vida, ou seja, em tudo que nos rodeia. Como apresenta os Parâmetros Curriculares Nacionais de matemática,

Faz parte da vida de todas as pessoas nas experiências mais simples como contar, comparar e operar sobre quantidades. Nos cálculos relativos a salários, pagamentos e consumo, na organização de atividades como agricultura e pesca, a matemática se apresenta como um conhecimento de muita aplicabilidade. Também é um instrumental para diferentes áreas do conhecimento, por ser utilizada em estudos tanto ligados a ciências da natureza como as ciências

sociais e por estar presente na composição musical, na coreografia, na arte e nos esportes. (BRASIL, 1997, p.29).

Por isso, é tão importante dar valor a matemática em toda educação, desde a básica onde se introduz com conhecimentos básicos e simples de medir, comparar, localizar, quantificar, seriar, entre outros que darão suporte às séries mais avançadas. Sendo também, importante, dar valor aos conhecimentos prévios dos alunos. Pois todos os indivíduos têm conhecimentos anteriores aos que são adquiridos no âmbito escolar. Inclusive os conhecimentos matemáticos são adquiridos e efetivados fora desse ambiente, e até com muita precisão. E uma boa parceria que o professor pode ter no ensino da matemática é o de “[...] conhecer melhor a matemática inerente às atividades da vida diária na cultura dessas crianças a fim de construir a partir dessa matemática, pontes e ligações efetivas para a matemática mais abstrata que a escola pretende ensinar. [...]” (CARRAHER; CARRAHER; SCHLIEMANN, 1995, p.27).

Nesse sentido, se faz necessário que o professor dê ênfase aos conhecimentos prévios dos alunos, para que ele possa fazer essa ligação efetiva que fala Carraher, Carraher; Schliemann, sobre essa perspectiva. Assim, um caso que pode exemplificar como a matemática é inerente à vida dos alunos e como pode-se aproveitar desses conhecimentos anteriores a escolarização, é o caso de pessoas que por necessidade lidam com números, ou com algo que os relacione. Aprendendo na vida prática a somar, dividir, diminuir e multiplicar, aprendendo noções de espaço de tempo. Essas pessoas, que muitas, desde crianças abandonam a escola para ajudar financeiramente as famílias em trabalhos de vendas, compras, de pedreiros e vários outros trabalhos que precise de noções matemáticas. Mas, que, porém essas mesmas pessoas não têm na escola tanto sucesso com os números quanto as tem fora dela, em seus trabalhos diários. Eis um grande exemplo de o quanto o lúdico é importante nesta disciplina, o quanto a prática leva ao conhecimento, o quanto a sociabilidade favorece ao aprendizado. Percebe-se também o quanto deve os professores insistir para que os alunos tenham prazer por essa disciplina em vez de desprezá-las.

O professor deve trabalhar a matemática de forma que o aluno perceba-a como algo inerente na vida de todos, que a sua rejeição não é um bom negócio. Sendo, a partir

do educador que a sintonia entre aluno e matemática deve começar. Apresentando essa disciplina as crianças muito cedo, para que desde já elas sintam-se envolvidas prazerosamente com a disciplina. Usufruindo essa aprendizagem por toda sua vida.

CAPÍTULO III

3. PERCEPÇÃO DO CONTEXTO ESCOLAR

Nesse momento será falado sobre as vivências do dia-a-dia escolar em relação ao ensino da matemática, sobre o que os alunos entendem por um ensino lúdico, o que os alunos acham da disciplina matemática, assim como também do trabalho realizado na sala de aula para o ensino da matemática. Nesse sentido destaca: O tradicionalismo ainda dominante, o aluno e o lúdico e o aluno e a matemática.

3.1 O tradicionalismo ainda dominante

A perspectiva que as aulas no ensino fundamental sejam cada vez mais, enriquecidas por metodologias que favoreçam aos alunos um crescimento cognitivo, intelectual e uma independência também intelectual, se torna mais presente a cada dia.

A transição de aulas mecanicistas e tradicionalistas que preparam os alunos para o mercado de trabalho, para aulas dialéticas e democráticas, que preparam o aluno para que eles construam o seu próprio conhecimento, sejam críticos e altos críticos, que sejam participantes ativos na sociedade, estão mesmo que devagar, acontecendo.

Mas, infelizmente, ainda existem educadores que insistem em permanecer com uma didática prisioneira, em que os alunos aprendem na sala de aula somente conteúdos que visão ao mercado de trabalho, além desses conteúdos serem passados aos alunos como conteúdos certos e acabados de maneira pragmática e repetitiva com abordagens que levam os alunos a decoreba, como numa situação de treinamento, de adestramento. O que deixa os alunos alienados, a outras maneiras de estudo, as quais valorizam o seu potencial cognitivo, o seu raciocínio lógico, além de estar mais ligada a sua realidade na medida em que o educando é convidado a criar o conhecimento a partir de suas já adquiridas concepções de mundo.

O reflexo, desses ainda existentes educadores, se percebe na existência de alunos, que ainda falam ser melhor estudar somente a partir dos livros e da explicação da professora, como se pode ver nas palavras do aluno C que diz “prefiro estudar só o que tem no livro”. (sexo masculino, 8 anos) o que é incomum se pensarmos que este aluno é uma criança e que como todo ser humano nessa fase, naturalmente escolhe o brincar, o divertir, o descobrir, o investigar, sendo natural ao humano nessa fase, a escolha por essas atividades. Porém, podemos achar comum quando lembramos que essa criança, está inserida em uma sociedade que de muito tempo é passiva de uma educação rigorosa e fundamentada apenas no repasse de conteúdos, que desconhece ou quando conhece, desacredita em uma educação realizada metodologicamente por meios diversos, e não com um único objetivo como se pretende na educação tradicional que é

única e exclusivamente intencionada e preparada para passar conteúdos programáticos aos alunos. O que acontece,

Na realidade de nossas escolas públicas básicas, em que a prática escolar cotidiana costuma, em geral, frustrar as perspectivas da necessária emancipação intelectual e cultural dos alunos, percebe-se a perfeita consonância da estrutura da escola com a produção dessa frustração, na medida em que não se constrói de modo a promover a condição de sujeitos dos vários agentes que aí se envolvem. (PARO, 2007, p. 30).

Dessa forma o desenvolvimento pessoal, individual e crítico do aluno ficam a desejar. A escola forma então, em vez de pessoas pensantes e críticas, forma bibliotecas ambulantes, considerando os alunos, objetos receptores e passadores de conhecimentos já apresentado há muito tempo, sem “autorização” para modificá-los.

Essa realidade é tão vista no ensino que os alunos não percebem a aprendizagem construída de outra forma, nas raras vezes que acontecem de forma diversificada, com novos atrativos, com novas propostas de ensino, a não ser na velha forma tradicional.

O que se percebe é que o professor já está introduzindo uma forma diferenciada no ensino da matemática, porém ainda está muito fraco a presença dessas aulas. Sendo que ainda é dominante a forma tradicional de ensinar.

3.2 O aluno e o lúdico

Os alunos se mostram leigos a epistemologia do trabalho lúdico no ensino aprendizagem. O entendimento que eles têm sobre este trabalho, está mais ligada ao aspecto de lazer, de divertimento, não relacionando à aprendizagem de conteúdos, criatividade, respeito, de autonomia, de socialização, etc. Desconhecendo que a

aprendizagem também pode partir de atividades lúdicas. Como fala o aluno C que diz, com jogos e brincadeiras “Aprende um monte de coisas, brincadeiras, jogos, é... como explicar? Várias coisas.” (sexo masculino, 8 anos). O que se percebe em sua fala a falta de segurança, e a falta de relação entre atividades lúdicas e as aprendizagens citadas acima, pois as palavras ditas se encontram meios perdidas, vagas, quando se referindo a um amplo leque de aprendizagens que a atividade lúdica pode contribuir para o alunado. Mas, restringi ao aprendizado do próprio jogo, ou da própria brincadeira.

Essa percepção de que os alunos não entendem o lúdico como meio para as diversas aprendizagens, se percebe na não diferenciação que os alunos não fazem com respeito a jogos e brincadeiras, como fala o aluno D, “Jogos e brincadeiras é tudo a mesma coisa.” (sexo masculino, 11 anos). Também quando os alunos, não percebem a matemática fora da escola. O que nos mostra também que eles não relacionam a matemática a outras atividade e até a própria necessidade do dia a dia da matemática na vida de cada ser.

3.3 O aluno e a matemática

Apesar de se ter um conhecimento já enraizado e até cultural de que a matemática é uma disciplina que amedronta a grande maioria dos alunos. É notório a identificação dos alunos com essa disciplina, percebendo que essa cultura já está ficando ultrapassada, já que os alunos tem um apressa pela disciplina, como se pode perceber nas palavras do aluno (C de 8 anos do sexo masculino), “Gosto, é porque é muito legal”. Dessa forma percebe-se que apesar de ser uma aula em que o tradicionalismo é mais presente do que a aula lúdica, os alunos ainda assim se mostraram identificar-se com a disciplina.

CAPÍTULO IV

4 - O LÚDICO NA MATEMÁTICA E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

No quarto capítulo será falado sobre o estágio, as vivências nesse período, referenciando com o objeto de estudo monográfico. Assim, será tratado sobre: estágio e teoria, abordando a importância do estágio realizado, enfocando a contribuição deste para a percepção do educando estagiário sobre a profissão docente, Também abordará sobre as atividades realizadas no estágio e sua interface com o objeto de estudo da pesquisa. Destaca ainda a indisciplina como um fator agravante na aprendizagem e para a realização das aulas. Além de revelar como sobre a questão da avaliação que foi realizada de modo apenas experimental, a fim de verificar tanto a aprendizagem dos alunos quanto verificar se as aulas estavam sendo benéficas à aprendizagem, ressaltando ainda, que esta não foi realizada de modo quantitativo a partir da aplicação provas para atribuir notas aos alunos. Dando continuidade, apresenta a professora titular ressaltando o apoio que esta deu à estagiária, tanto em aspectos comportamentais como em termos de didática de ensino. Por último, o capítulo encerra com uma reflexão sobre a questão da falta de concentração como algo que dificulta o processo ensino e aprendizagem.

4.1 Estágio e teoria

Este capítulo se faz assim muito importante para o corpo da monografia, pois nele estarão as informações vivenciadas do estágio que é um momento sublime do curso. Sendo através do estágio que o formando terá a real noção do que e para que ele está se formando, pois, é com esse propósito que o estágio é pensado. Como fala Piconez,

A proposta está vinculada à idéia de um estágio voltado para o atendimento à comunidade, o qual deverá proporcionar o engajamento do estagiário na realidade, para que possa perceber os desafios que a carreira do magistério lhe oferecerá e possa, assim, refletir maduramente sobre a profissão que vai assumir. (p. 64. 1994).

Dessa forma percebe-se o quanto o estágio é importante no percurso da academia, já que é através dele que se poderá ter a dimensão da profissão a qual se almeja.

Como também é no momento do estágio que toda teoria estudada deve entrar em vigor, juntamente com a prática, sendo este um momento ímpar do Curso, em que a aprendizagem estará em alta, já que o estágio é a hora de assumir a postura docente.

[...] a prática de ensino sob a forma de Estágio Supervisionado é, na verdade, um componente teórico – prático, isto é, possui uma dimensão ideal, teórica, subjetiva, articulada com diferentes posturas educacionais, e uma dimensão real, material, social e prática, própria do contexto da escola brasileira. (PICONEZ, p.25. 1994).

Sendo, pois, através das dimensões que envolvem a teoria e das dimensões que envolvem a prática que o formando irá realizar o seu estágio, abraçando as suas faces, que se unem por um só propósito.

Nesse momento os estudos devem revigorar na mente para que se tenha um bom estágio prático com fundamentos teóricos. Assim também, deve acontecer após o estágio, procurando reviver ou rememorar o mesmo, pois assim é possível fazer uma análise do estágio, os acertos e erros que possivelmente tenha ocorrido, para que a partir daí haja uma melhor preparação para o exercício da profissão docente. Como também sendo a partir do estágio que se poderá definir se o caminho que se quer seguir é realmente este.

O Curso de Pedagogia não é o que almejo. Isso foi falado por mim e enfatizado por frases como “De forma nenhuma quero ser professora”, “só estou fazendo este curso por falta de opção”. Porém, uma coisa tenho que falar, que o Curso é ótimo, é muito proveitoso para o conhecimento, mas, que realmente não é o que quero para seguir carreira. Posso dizer assim, que não vejo, mais essa formação docente como algo inviável de concretização em minha vida. Não que eu tenha me apaixonado pela profissão, mas que aprendi a respeitá-la e reconhecer que essa é uma profissão mágica. Durante o estágio floresceu em mim um sentimento muito bom com relação ao ensino, foi um momento difícil já que nunca tinha lecionado, todavia com o passar do tempo fui gostando de estar no papel de professora e antes mesmo de terminar o estágio já sentia saudades do ambiente, dos alunos e de minha postura como professora.

Gostei muito do ato de ensinar de ver que alguém está aprendendo, crescendo com minha ajuda. A docência então passa a ser para mim algo importante e de valor como fala Piconez, quando diz, “A docência, determinada que é pela sua ligação com a apropriação do conhecimento, tem lugar de grande importância no processo global da educação e é decisiva no processo escolar.” (1994, p.71). Percebendo, durante o estágio tamanha importância da docência sobre o meio, sobre a vida, é que me permito agora dizer que se torna possível a efetivação da profissão, a qual tenho me dedicado na universidade.

Apesar de antes não ter a intenção de ser educadora, agora reflito como educadora, percebendo a contribuição que um professor dedicado a profissão pode dar a sociedade a partir de intenções de um ensino reflexivo e voltado ao social e ao político, exercitando a docência numa perspectiva de unir, como de fato deve ser a educação e o

meio social. Como pode-se perceber essa importância e percepção dos professores sobre o ato educativo no andamento social, nas palavras de Piconez ao falar,

Há hoje um despertar geral, no âmbito da Educação, para seu significado social e político. Cresce cada vez mais a consciência de que o ato educacional está dentro desse parâmetro, e a ação dos professores deve acontecer dentro dessa realidade concreta da sociedade [...]. (1994, p. 70)

A partir então da consciência de uma educação que deva ser realizada de forma amplamente abraçar as causas sociais e criar causas sociais valorizando a relação que existe entre essas esferas (educação, sociedade, política) que o ato educacional se torna mais significativo e valorizado. Sendo com essa significação e valorização da educação é que posso comprometer-me a exercer a profissão.

4.2 As atividades

As atividades pensadas para o estágio foram atividades que trabalhavam a escrita, a leitura, a coordenação, a criatividade e a relação aluno - aluno. Foi trabalhada leitura de textos do próprio livro dos alunos como, por exemplo, o texto “lições de convivência”.

Com o texto acima citado foi pensado para que houvesse uma discussão na sala sobre o que é lição de convivência, então a partir do texto foi discutido o tema, boas maneiras, que tinha a ver com o dia a dia dos alunos, com a proposta de que depois do debate eles pudessem tomar consciência de seus atos, e passassem a adotar uma melhor maneira de se relacionar, uma melhor maneira de viver bem, porém o objetivo do trabalho textual não foi agradável no que diz respeito a mudanças de atitudes, mas foi

possível perceber que os alunos sabem o que é necessário para uma boa convivência, porém, não utilizam essas lições no dia a dia.

Com o trabalho de escrita foi utilizada a cópia de textos, tanto retirados do livro como copiado no quadro assim como o ditado para o treino ortográfico. Essas atividades eram importantes, pois, com elas os alunos aprendiam a leitura e a escrita das palavras.

Outros momentos de leitura muito proveitosos foram às leituras de poesias. Essas leituras foram bastante trabalhadas, pois era uma atividade para ser apresentada na culminância de um projeto da escola que falava sobre Cajazeiras. As poesias eram todas de poetas cajazeirenses, então foram distribuídas poesias para alguns alunos lerem em casa e decorar. Todas as poesias foram apresentadas aos alunos e copiadas para que todos as conhecessem como também discutidas para que os alunos entendessem o que tratava a poesia.

Assim como as poesias foram trabalhadas duas músicas, também, de cajazeirenses para serem apresentadas na do mesmo projeto. Esses trabalhos eram de forma mais dinâmica e os alunos gostavam bastante tanto das poesias quanto das músicas, isso se mostrou no dia a dia, pois os alunos não paravam de cantar e recitar a qualquer ora da aula. Esse trabalho teve um ótimo resultado do que era o objetivo do estudo desses textos, que foi a apresentação e homenagem aos cajazeirenses, assim como conhecer autores cajazeirenses e suas obras. Com esse trabalho houve também a aprendizagem da escrita da leitura e da memória.

Como exercícios, à criatividade e escrita foram feitos trabalhos de produção textual, que exigia dos alunos a criatividade e a desinibição para leitura, pois estes deveriam produzir um texto com o título "A minha cidade", depois deveriam fazer um desenho representativo. Este trabalho foi também bastante proveitoso, pois foram produzidos bons textos e bons desenhos. Os textos eram bem criativos ora descrevendo sobre a cidade ora com declarações de sentimentos a mesma. Os desenhos eram representativos da cidade, pois foram feitos figuras que imitavam a arquitetura da cidade.

As aulas de história e geografia assim como de ciências eram trabalhadas sempre a partir de indagações, na busca de conhecer antes o que os alunos já compreendiam

sobre os assuntos e a partir daí iniciar a explicação ou discussão do tema. Essas iniciativas foram proveitosas, pois com esse breve conhecimento sobre o que os alunos já entendiam, a aula ocorria com melhor ênfase no que se percebia ser necessário acrescentar aos alunos, como também eles gostavam da discussão e ficavam atentos ao que se perguntava e ao que se falava sobre o tema. Nas aulas também, sempre procurava trabalhar com cartazes, mostrando figuras representativas dos temas, o que eles ficavam interessados em conhecer as imagens o que os levava a indagar sobre e assim acontecer à construção do conhecimento.

Agora especificando as atividades de matemática, a qual tem mais simpatia com o objeto de estudo monográfico, cujo tema é “O lúdico na matemática”, será mostrado algumas atividades matemáticas que seguiram por base do estudo sobre o tema.

Nos capítulos anteriores da monografia é visto que a matemática é uma disciplina considerada difícil e a que mais amedronta os estudantes. Mas fala também, do trabalho lúdico como forma de contornar essas idéias postuladas sobre a matemática.

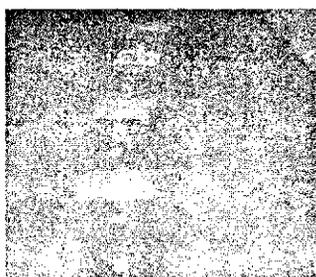
Nessa perspectiva de trabalhar a matemática por meio lúdico, foram realizadas algumas atividades durante o estágio a partir desse fundamento. Uma das atividades feita com essa base, que se pode ver no Diário de Campo foi o estudo da adição, quando este registra

[...] uma dinâmica, em que foi entregue a cada um, um problema em um pedaço de papel. Sendo que sempre havia dois problemas iguais ocasionando assim uma disputa entre os alunos em que os mesmos deveriam responder o problema no quadro e de acordo com o que se apresentava nas respostas dos alunos ia sendo feita às devidas correções. (23/08/10).

Essa dinâmica entusiasmou os alunos que foram por si só tentar antes de ir ao quadro resolver a atividade. Foi percebido que houve aprendizagem e que os alunos não se mostraram receosos a participar da dinâmica por envolver questões matemáticas, mas pelo contrário ficaram atentos para saber a questão correta e quem conseguiria primeiro

terminar. Essa atividade mostrou-se então satisfatória já que os alunos participaram desta com interesse.

Fazendo parte do trabalho lúdico, foi realizada outra atividade de matemática nessa perspectiva. A atividade agora seria uma revisão das quatro operações matemáticas, a atividade era uma trilha enumerada colocado ao chão. Assim como mostra a figura a baixo:



Atividade 1: Revisão das quatro operações através da trilha de matemática
Fonte: Portfólio do Estágio Supervisionado em Docência.

Nessa atividade seria explorado dos alunos o raciocínio individual de cada um sobre as questões apresentadas, assim os alunos deveriam mostrar suas habilidades em solucionar problemas de adição, multiplicação, divisão e subtração.

Sendo essa uma atividade que também teve por base o uso do lúdico, para atrair mais atenção dos alunos à revisão do assunto. De fato, o lúdico atrai bastante os alunos ao estudo, de forma que eles se divertem ao mesmo tempo em que aprendem. Por ser uma forma mais descontraída os alunos participam mais, sem medo de errar. Até quem têm mais dificuldades nas operações se interessa em participar e em responder as questões.

Uma coisa que se percebeu também é que uma atividade quando é passada apenas para que os alunos copiem e respondam, os alunos ficam querendo a resposta e não se interessam em descobrir por si só a questão ou procuram outro meio que eles possam aprender, eles apenas falam que não sabem, mesmo sabendo a questão, o que ocorre é apenas a preguiça de responder. Já na atividade lúdica eles procuram responder a questão e se não sabem pedem ajuda a um amigo ou procuram no livro uma atividade parecida, sendo nessa hora que ocorre a aprendizagem. Percebe-se assim, que “os jogos não são apenas uma forma de desafogo ou entretenimento para gastar a energia das

crianças, mas meios que enriquecem o desenvolvimento intelectual” (ALMEIDA, P.25, 1998). Dessa forma, a atividade lúdica na matemática é muito interessante visto que não se trata apenas da brincadeira, mas sim, de um aprendizado que ocorre espontaneamente.

Durante o estágio, foi percebido que não só na matemática, mas também nas outras disciplinas o uso da atividade lúdica no ensino aprendizagem é bem significativo, pois o lúdico atrai a atenção dos alunos que ficam curiosos e entusiasmados em participar, como também se percebe a aprendizagem dos mesmos.

4.3 Indisciplina

A indisciplina foi um dos maiores problemas encontrados durante o estágio, pois, os alunos demoravam a se acalmar quando chegavam à escola o que perdia muito tempo. Os mesmos não obedeciam de primeira ordem, precisando fazer ameaças de alguma sanção, para que eles se sentassem e escutassem o que seria explicado. Mas, logo depois já tinha alguém fazendo brincadeiras e atrapalhando a aula. Assim, mesmo quando a aula seria através de meios lúdicos a aula era atrapalhada devido à indisciplina de alguns alunos. Quando o controle da turma fugia as minhas ordens, a professora titular sempre era chamada para que ela organizasse novamente a turma e pudesse a aula continuada. Nesse sentido, recorre-se as memórias do estágio registradas no Diário de aulas, quando afirma-se que:

[...] a professora foi chamada para conversar com os alunos, pois a aula estava se tornando inviável, devido ao barulho que alguns alunos estavam fazendo. Após a professora conversar, ouve outra conversa da professora estagiária e os alunos, também para pedir a atenção de todos na aula. (DIÁRIO DE AULAS, 23/08/10).

A professora sempre que solicitada comparecia a sala, atendendo ao meu pedido, para colocar ordem na sala quando eu não conseguia, mantendo novamente a ordem da turma, a aula prosseguia. Assim o estágio prosseguiu, com esse apoio da professora.

Até mesmo quando a aula era realizada por meio lúdico, a mesma era atrapalhada, por alguns alunos que vinham à escola com a intenção apenas de brincar. O lúdico é uma maneira muito gostosa de trabalhar e eficaz na aprendizagem, porém, com os alunos indisciplinados essas atividades não surtiram muito efeito, talvez por culpa da professora estagiária que não tenha tido muita paciência, talvez não, pois se a atividade que eles gostavam de participar não os manteve quietos e somente atenciosos ao que estava trabalhando, talvez o problema seja nos alunos que tem dificuldades de atenção.

Porém fica a dúvida, se o que se fala e como foi estudado, é que os alunos estão cansados de estudar apenas com o quadro e giz e por esse motivo os alunos não se concentram no estudo. Por que então quando se usa meios lúdicos no ensino, eles não se comportam de maneira a deixar a aula prosseguir com sucesso? Como aconteceu com uma aula que “[...] foi meio turbulenta devido a alguns alunos não se comportarem bem atrapalhando a aula [...]” (DIÁRIO DE AULAS, 25/08/10). Assim, fica evidente que mesmo a aula sendo dinâmica, de forma a não ser apenas cópia, os educandos podem se comportar de maneira a não favorecer o desenvolvimento da aula como esperado, já que se trata de uma forma divertida de estudar.

Os alunos costumam se apresentar de forma a contrariar as tendências esperadas pelo corpo escolar, no que se refere a uma boa disciplina comportamental,

Sob esta perspectiva, a indisciplina se refere às condutas, atitudes, modos de socialização, relacionamentos e desenvolvimentos cognitivos, que demonstram os estudantes, e que tendem a não reproduzir, divergir ou mesmo negar as orientações, expectativas ou oportunidades apresentadas pela escola. (GARCIA, 2002 p. 376).

Dessa forma fica complicado de se ter um bom rendimento escolar, já que as atitudes tomadas pelos alunos tornam conturbadas as aulas dificultando o bom andamento das aulas e o aprendizado tanto de quem decide ir de forma contrária ao esperado pela professora e instituição, como aqueles que tentam seguir as boas normas de um andamento escolar.

A indisciplina é marcante pela quebra de regras que prejudiquem ao próximo, no caso aos colegas de classe e a professora.

A concretização da indisciplina acontece através da falta de cumprimento das regras que estabelecem, orientam e presidem as condições das atividades em aula, além do desrespeito às normas e valores que fundamentam o convívio entre os colegas e na relação com o professor enquanto pessoa e autoridade (AMADO 1999).

Dessa maneira, quando o aluno tem comportamentos indisciplinados, ele está burlando regras que favorecem ao bom convívio na sala de aula, desrespeitando aos colegas e ao professor como autoridade maior na sala. Assim uma atitude de indisciplina pode ser percebida pela quebra da ordem e do bem estar da turma.

4.4 A professora titular

Durante o estágio uma das coisas que pode-se citar, como grande contribuição na realização do estágio, foi a professora titular, que sempre esteve na escola e quando eu precisava estava a mim ajudar. Tanto com respeito a controle de turma, como as atividades, passando para mim informações úteis ao dia-a-dia da escola, deixando-me a vontade na sala de aula e me dando total autoridade sobre os alunos, me apoiando nas decisões, ou me dando opções de uma melhor maneira de se lidar com os alunos. Assim como, trabalhando junto comigo em algumas atividades. De modo geral a professora foi uma companheira agradável durante todo estágio. Podendo citar um dia em a professora ficou a frente de um dia de aula devido a problemas de saúde da estagiária que ficou auxiliando, como fala no Diário de campo, “[...]a professora trouxe para aula as fábulas e dando continuidade no trabalho ela ficou a frente, percebendo que eu não estava em condições de dar a aula nesse dia. Fiquei então apenas no auxílio.” (20/09/10).

Assim é possível perceber o quanto a professora titular foi importante para o estágio não só nesse dia, como em todos os outros, pois, ela estava sempre por perto e sempre disposta a hora que precisasse.

4.5 Avaliação

Durante o estágio, no que comete a avaliação, ela foi realizada nos momentos de execução de exercício, onde percebia aqueles alunos que tinham dificuldade no assunto, aqueles alunos que se esforçavam para aprender, aqueles que não se interessavam e aqueles que já sabiam. Sendo possível, a partir dessas observações detectar se houve aprendizagem ou não. Como por exemplo, pode-se citar nas aulas lúdicas, que se percebe claramente se o aluno sabe do assunto ou não e se ele aprendeu a partir da atividade, pois, ao aluno participar, como eram feitas atividades em grupos, porém exigindo o individual quando o aluno ia fazer a sua parte era o momento da observação e aí sendo detectado que o aluno não estava compreendendo, era explicado a ele como se realizava a atividade, era-lhe exigido novas tentativas e novas explicações e indagações.

Nesse sentido, era ao aluno feito uma avaliação apenas mediadora e qualitativa, visto que como estagiária não se tinha o direito de proceder avaliações quantitativas, as quais objetivam a pontuar a inteligência do aluno através de notas.

Usando a avaliação mediadora tanto se avaliava o aluno quanto ao professor estagiário, pois a avaliação mediadora

[...] pretende essencialmente, opor-se ao modelo do 'transmitir – verificar – registra' e evoluir no sentido de uma ação reflexiva e desafiadora do educador em termos de contribuir, elucidar, favorecer a troca de idéias entre e com seus alunos, num movimento de superação do saber transmitido a uma produção de saber enriquecido, construído a partir da compreensão dos fenômenos estudados. (HOFFMANN, 1993. p. 145)

Com a superação do conhecimento transmitido para o saber enriquecido, tanto o aluno quanto o professor crescem, tanto do ponto de vista da aprendizagem dos conteúdos quanto no lado afetivo, social e emocional, já que as idéias se confrontam e se superam em ajuda recíproca em diálogos.

Juntamente com a avaliação mediadora se tinha o acompanhamento individual do aluno, em que o aluno era observado e acompanhado individualmente, proporcionando ao aluno a atenção que ele precisava para que as construções do conhecimento nas atividades estudadas chegassem a seu objetivo final, como defende Hoffmann sobre o acompanhamento individual,

O acompanhamento do processo de construção deveria implicar em favorecer o desenvolvimento de estudante, oferecendo novas e desafiadoras situações de aprendizagem, novas leituras ou explicações, sugerindo-lhes investigações, enfim, proporcionando-lhe vivências enriquecedoras e favorecedoras à tomada de consciência progressiva sobre o tema em estudo. (1993, p. 151 à 152).

Com isso, proporcionando ao aluno a aquisição do conhecimento antes não alcançado, através de um acompanhamento individual necessário ao mesmo. Em que lhe foi exigido uma busca ou um esforço a mais para tal vitória.

Nessa perspectiva de uma avaliação mediadora e individual foi realizada uma dinâmica que enfatizava as quatro operações objetivando a uma revisão do assunto, como é visto no Diário de campo, que fala de uma oportunidade de se fazer a avaliação,

Na aula de matemática foi trabalho a revisão das quatro operações problemas, adição, subtração, multiplicação e divisão. Essa revisão foi primeiro revisada no quadro com problemas de cada uma das operações. Em seguida foi trabalhada a revisão com a dinâmica da trilha. Para a realização da brincadeira foram sorteados dois alunos sendo uma menina e um menino. Depois alternando entre menino e menina o dado foi jogado para saber quantas casas iria percorrer se acertasse o problema matemático posto por mim, que poderia ser de qualquer operação.(23-08-2010)

Com essa dinâmica é bem vista a possibilidade da avaliação individual e mediadora, pois, a partir dela observava-se os seus conhecimentos como também era possível a realização de intervenção necessária a construção do conhecimento do aluno caso ele ainda não a tivesse alcançado.

4.6 Concentração

Uma dificuldade bastante séria encontrada durante o estágio foi à questão da concentração dos alunos, tanto na hora da explicação quanto na hora de fazer a atividade. Os alunos tinham dificuldade em se concentrar na aula, pois o que mais lhes interessavam eram as conversas paralelas e brincadeiras. O que foi percebido é que alguns alunos estavam ainda em um estágio de egocentrismo, em que toda atenção deveria ser voltada para eles havendo assim uma “disputa de popularidade” para quem era o mais visto na sala tanto pelos colegas quanto pela professora.

Até mesmo na hora de uma atividade lúdica, que era uma maneira de chamar mais a atenção a aula, eles não se concentravam no que era explicado para a atividade e nem durante a mesma, sendo que alguns alunos estavam sempre desobedecendo ao que se pedia e fazendo graça para chamar a atenção. Com esses alunos acontecia o seguinte, eles não prestavam atenção ao que se pedia, mas queriam ser os primeiros a realizar a atividade, depois que realizavam dispensavam o trabalho e não esperavam a vez do outro, e sempre queriam ficar com o objeto principal da atividade na mão. Quando se ia começar o assunto sempre era interrogado aos alunos sobre o mesmo para saber o conhecimento que eles já tinham sobre o tema. Porém até neste momento se tinha dificuldade, pois era pequena a parcela da turma que está atento ao que se perguntava ou ao que se falava, de modo que outros alunos se dividiam em conversar, mandar bilhetes, chorar, brincar. Ou seja, tudo era motivo para impedir que os alunos tivessem atenção a aula, como também tudo era motivo para tirar a concentração dos alunos a aula ou quando estavam fazendo a atividade. Como por exemplo, um caderno que caísse, uma fala de um colega, a ponta do lápis, um gesto de um aluno, um erro do colega.

Até mesmo na hora da leitura que era um dos prazeres da maioria dos alunos, alguns não tinham concentração para escutar o que se estava lendo. Enquanto um ou mais alunos estavam fazendo a leitura “[...] o resto da turma não deixava de fazer suada para ouvir a leitura [...]” (DIÁRIO DE CAMPO, 24/08/10). Assim era inviável a realização da aula se não houvesse uma punição para aqueles que insistiam em atrapalhar a aula mesmo depois de uma conversa.

CONCLUSÃO

Após todos os caminhos percorridos para a realização desse trabalho monográfico, dos estudos teóricos, das observações em sala de aula, das entrevistas feitas e do estágio supervisionado, pode-se concluir este trabalho cujo objeto de estudo é o lúdico na matemática. Entende-se que este é, realmente, um meio eficaz de ensinar, pois com a metodologia diversificada os alunos têm mais interesse no estudo proporcionando assim uma maior aprendizagem já que os mesmos têm simpatia pelo ensino através da ludicidade.

A forma tradicional de que tanto se fala em relação ao ensino, que é monótono e não atrativo ao aluno, está sendo substituída vagarosamente pelo modo divertido de ensinar e aprender que é através do uso do lúdico. Assim, a matemática passa a ser atrativa aos alunos que mantêm o interesse por esse modo de estudar e aprender, pois é a partir do interesse que a aprendizagem se torna possível.

Durante o estágio, especificamente nas aulas de matemática o lúdico foi usado para o ensino. Com isso foi possível perceber que realmente o uso do lúdico no ensino trás ao aluno um maior interesse pelo estudo e conseqüentemente maior aproveitamento cognitivo.

De modo geral, o estágio foi uma experiência muito boa. Em que se pode ter a noção de como é realmente a vivência em uma sala de aula, com isso pude aprender melhor sobre o ser professora.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação Lúdica: técnicas e jogos Pedagógicos**. 9 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

ARANÃO, Ivana V. D. **A matemática atreves de Brincadeiras e Jogos**. 2 ed. Campinas – SP: Papirus, 1997.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática**. MEC/ESC, 1997.

BIZZO, Nélio Marco V. **A prática de Ensino e o Estágio Supervisionado**. 2 ed. Campinas SP: Papirus 1994.

CARRAHER, Terezinha; CARRAHER, David; SCHLIEMANN, Analúcia. **Na Vida Dez, Na Escola Zero**. 10 ed. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

FONTES DOCUMENTAIS: **Diário de Campo**, Cajazeiras, de 23 de agosto de 2010 a 17 de setembro de 2010; **Portifólio** – Arquivo dos Planos de Aula e das Atividades realizadas no Estágio Supervisionado em Docência, Cajazeiras, de 23 de Agosto de 2010 a 17 de Setembro de 2010.

HOFFMANN, Jussara. **O jogo do Contrário em Avaliação**. 3 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

KAMII, Constance; Tradução: Regina A. de Assis. **A criança e o número**. 19 ed. Campinas- SP: Papirus, 1995.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Pesquisa educacioanal: o prazer de conhecer**. 2 ed. Rev. e atual. Fortaleza. Edições Demócrito Rocha, 2002.

MOREIRA, Maria Ilone. **A Ludicidade No Ensino Da Matemática**. Pesquisa de artigos. 2007. Publicado em 15/04/2007 visitado em 13/11/2009.

OLIVEIRA, Rosimary Lima Guilherme. **Reflexões sobre a indisciplina a partir de sua diversidade conceitual**. 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3412_1708.pdf> Acesso em : 6 nov.2010.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão Escolar, Democracia e qualidade do ensino**. São Paulo: Ática, 2007.

ANEXO

ROTEIRO

1. Para você o que é brincadeira?/ E jogos?
2. Para você existe diferença entre jogos e brincadeiras?
3. De que maneira você estuda matemática?
4. Você gosta da disciplina de matemática? Por quê?
5. Você vê a matemática em outras disciplinas?
6. Você acha que pode aprender matemática usando objetos concretos? Ou acha melhor aprender matemática com a professora só explicando o que tem no livro?
7. Através de jogos e brincadeiras além de aprender matemática você aprende outras coisas? O que por exemplo?
8. Os jogos e brincadeiras já foram usados para ensinar conteúdos de outras disciplinas?